



O futuro chegou?

Na semana passada, tive o prazer de participar da conferência Brazil and the Future (Brasil e o Futuro), realizada na Universidade de Columbia em Nova York, em parceria com o **Jornal do Brasil** e a Casa Brasil. Em um mundo ainda abalado pela crise econômica, o país tropical, com dimensões continentais, reservas de petróleo, riqueza de matérias-primas e mega projetos em infra-estrutura, necessários não só para o seu crescimento, mas também para a realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas, figura como novo "Eldorado", e seminários sobre o Brasil estão atraindo grande público.

Segundo John Coatsworth, reitor da Escola de Assuntos Públicos e Internacionais de Columbia, e conceituado conhecedor da América Latina, o Brasil não é mais o país

do futuro que nunca chega, pois sua hora finalmente chegou. Joaquim Levy, o competente secretário da Fazenda do Estado do Rio de Janeiro, fez o mesmo comentário em uma conferência organizada pela Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos em Nova York, sobre as perspectivas de investimentos no Rio rumo às Olimpíadas.

Não há como negar a confluência de fatores favoráveis ao Brasil, que ainda parecem amplificados vistos de Nova York, em um ano de más notícias econômicas, quebras de bancos e de empresas tradicionais, subsídios multibilionários do governo e desemprego crescente.

E, como os marqueteiros do Brasil não cansam de repetir, as proezas do país vão além das riquezas em matérias-primas, e incluem, entre outras, alta tecnologia em exploração submarina de pe-

tróleo, tecnologia pioneira com álcool e biocombustíveis, resultados destacados internacionalmente em termos de prevenção de Aids, e técnicas mundialmente admiradas em cirurgia plástica.

Ivo Pitanguy, o mais renomado cirurgião plástico do mundo, foi um dos palestrantes na conferência de Columbia e, merecidamente, ovacionado pelo público quando sugerida sua indicação para o Prêmio Nobel de Medicina. Em minhas atividades como advogado de negócios internacionais, tenho também percebido uma postura diferente dos clientes estrangeiros que lidam com o Brasil, assim como dos clientes brasileiros em negociações internacionais.

As empresas brasileiras estão se tornando cada vez mais protagonistas e menos tímidas em operações comerciais e financeiras internacionais. No mundo das fusões e aquisições por exemplo, mais empresas brasileiras estão atuando como possíveis compradoras de empresas estrangeiras, o que até poucos

anos atrás era praticamente impensável, já que as empresas brasileiras eram normalmente alvos de compradores estrangeiros, os quais, na maioria dos casos, controlavam as negociações.

Atualmente, em parcerias internacionais, as empresas brasileiras são, muitas vezes, as detentoras da tecnologia inovadora do projeto. Mesmo no terceiro setor, o CDI (Comitê pela Democratização da Informática) acaba de realizar na Jordânia a primeira aquisição por uma ONG brasileira de uma ONG estrangeira, ampliando seus métodos e suas práticas de inclusão digital para o mundo árabe, após ter aberto várias escolas na América Latina, África e Inglaterra.

Os exemplos de sucesso brasileiro são muitos, e talvez ainda pouco conhecidos. Podemos dizer então, junto com John Coatsworth e Joaquim Levy, que o futuro tão esperado chegou para o Brasil?

É compreensível que esta seja a percepção dos investidores, sejam eles estrangeiros ou brasileiros, que

investiram na Bovespa nos últimos anos ou que pretendam investir em grandes projetos de infra-estrutura e de exploração de petróleo no país. Entretanto, o cenário sócio-econômico brasileiro poderia ser ainda melhor, se houvesse menos burocracia, uma reforma que simplificasse o sistema tributário, um sistema judiciário que gerasse decisões mais rápidas e mais previsíveis, e maiores possibilidades viáveis de financiamento para as pequenas e médias empresas.

Resta ainda esperar que investimentos inteligentes a longo prazo sejam feitos em educação, como habilmente sugerido pelo professor Arnaldo Niskier na conferência de Columbia, bem como nas áreas de saúde, saneamento, segurança pública e habitação, para que um maior segmento da população possa também comemorar a chegada do futuro.

Marcello Hallake é advogado, sócio do escritório internacional Thompson & Knight LLP em Nova York.